



miguilim

revista eletrônica do netlli

volume 8, número 2, maio-ago. 2019

DIGA-ME COM QUEM TU TRANSAS E EU (NÃO) TE DIREI QUEM ÉS: AS REPRESENTAÇÕES DO GAY EM CONTOS DE MARCELINO FREIRE E TOBIAS CARVALHO



TELL ME WHO YOU HAVE SEX WITH AND I WILL (NOT) TELL YOU WHO YOU ARE: THE GAY REPRESENTATIONS ON MARCELINO FREIRE AND TOBIAS CARVALHO'S SHORT STORIES

Jessé Carvalho LEBKUCHEN
Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Alfeu SPAREMBERGER
Universidade Federal de Pelotas, Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)
RECEBIDO EM 24/06/2019 • APROVADO EM 28/11/2019

Resumo

Este artigo analisa as representações do homem gay realizadas nos livros *Contos Negreiros* (2005), de Marcelino Freire, com enfoque nos contos “Canto VII – Coração” e “Canto XIII – Meus amigos coloridos”, e *As coisas* (2018), de Tobias Carvalho, utilizando as narrativas “Cantiga de roda” e “The Biggest Lie”. Pretende-se assim, com aportes teóricos direcionados ao *queer*, identificar relações e disparidades entre os personagens dos contos, a fim de

problematizar e refletir de que formas são vistos por si e pelo outro, em relação às suas sexualidades. Percebe-se nas narrativas analisadas a existência de representações não preocupadas em atingir a um público específico e restritivo, mas em tratar naturalmente a construção de personagens gays. Portanto, a representatividade da homoeroticidade demonstra ser algo complexo, que envolve diferentes sujeitos, experiências e perspectivas sobre si, sua sexualidade e sobre o outro, distanciando-se da mera representação.

Abstract

This article analyzes the representations of gay man realized in the books *Contos Negreiros* (2005), by Marcelino Freire, focusing on the short stories "Canto VII – Coração" and "Canto XIII – Meus amigos coloridos", and *As Coisas* (2018), by Tobias Carvalho, using the narratives "Cantiga de roda" and "The Biggest Lie". It is intended, with theoretical contributions from the queer theory, to identify relations and disparities between the characters in the short stories, in order to question and reflect upon the forms they are seen by themselves and by others related to their sexualities. In the analyzed narratives, it is possible to see the existence of a representativeness that is not worried about reaching a specific restrictive public, but it is concerned in treating naturally the building of gay characters. Therefore, the representativeness of homoeroticism proves to be something complex, that involves different subjects, experiences and perspectives about themselves, their sexuality and the others, dissociating themselves from mere representation.

Entradas para indexação

PALAVRAS-CHAVE: Identidade. Sexualidade. Representação. Excêntrico. Contos brasileiros.

KEYWORDS: Identify. Sexuality. Representation. Eccentric. Brazilian short stories.

Texto integral

Muito tem-se discutido sobre a representação de grupos minoritários nas artes, principalmente a partir das correntes teóricas pós-estruturalistas, como os estudos culturais, pós-coloniais, feministas e *queer*. Considerando ultrapassado o debate acerca da importância de existir espaços inclusivos e representativos que se afastem do padrão dominante, é necessário refletir sobre a forma como os produtos culturais que os ocupam são realizados, pois eles podem acabar servindo somente como entretenimento raso, tomando como exemplo as representações dos personagens gays nas novelas televisivas brasileiras, geralmente repletas de clichês humorísticos e sem relações amorosas ou sexuais, estereótipos que fogem em muito da realidade. Logo, tais representações são realizadas com interesses que divergem da representatividade, sendo somente ilusórias e distrativas. Ainda, cabe pensar os discursos essencialistas que as embasam, já que, por essa lógica, é possível definir a totalidade de um grupo de sujeitos a partir de uma característica, neste caso, a sexualidade.

Com essas problemáticas em mente, pretendemos analisar neste artigo as representações do homem gay em personagens da literatura brasileira contemporânea, observando como elas ocorrem, seus objetivos e sua relevância. Para tal, realizamos um recorte das obras *Contos negreiros* (2005), de Marcelino

Freire, e *As coisas* (2018), de Tobias Carvalho, analisando as narrativas “Canto VII – Coração”, e “Canto XIII – Meus amigos coloridos” do primeiro livro e os contos “Cantiga de roda” e “The Biggest Lie” do segundo. Como embasamento teórico das discussões, utilizamos autores de vertentes pós-estruturalistas e voltados aos estudos *queer*.

A escolha dos autores e de suas obras é justificada por ambos escreverem, dentre outras temáticas, sobre a homoeroticidade, preocupando-se com a representatividade das personagens de seus textos, sendo um objetivo que vai além da criação literária por si só. Além disso, por entender que muitas vezes a literatura de temática homoerótica é tratada como inferior pela academia, tornam-se necessárias novas leituras, que estão sendo realizadas e atualizadas continuamente.

Essa focalização no tema da homoafetividade não soa como modismo, mas como uma necessidade de se pensar, através das personagens e narradores de ficção, conceitos e posições como alteridade, tolerância, aceitação, respeito ao ser humano por uma das formas material-discursivas que tem um caráter humanizador do sujeito, no dizer de Candido (1995), a saber, a literatura de ficção. A característica desta demanda é a necessidade de tornar visível, na e pela literatura, a escrita que aborda a temática homoerótica, através de um estilo marcado pela escrita de si, como possibilidades de as alteridades, muitas vezes negadas socialmente, serem também entendidas na e pela cultura literária. (SILVA, 2014, p. 64).

Nesse sentido, defendemos ambas as obras como portadoras de valor literário, não se prendendo somente às temáticas abordadas e sendo uma simples escrita de si direcionada e presa a um gueto, o que muitas vezes é questionado pela crítica literária, camuflada por ideologias e preconceitos enraizados. Ao contrário, tais textos buscam atingir novos patamares de representatividade e são extremamente necessários no nosso contexto social, pois,

[...] atualmente, principalmente em razão de questões de ordem política quanto às pessoas homoafetivas e suas experiências de vida relacionadas ao registro literário, artístico e/ou histórico, a escrita de si toma outra dimensão: ela deixa de se referir unicamente a uma forma específica de dizer o si e o outro e passa a encampar esse si mesmo na perspectiva do homoafetivo que se re-presenta não e unicamente a si mesmo na dimensão literária, mas estabelece politicamente uma re-presentação de sujeitos e estilos de vida homoafetivos, sendo porta-voz de toda uma subjetividade que se vê visibilizada, projetada, configurada, vale salientar, de várias formas possíveis, assumindo, através das performances das personagens, papéis múltiplos e ocupando espaços vários nas sociedades em que são postas a atuar (SILVA, 2014, p. 67-68).

Após essa breve discussão sobre o panorama ao qual as obras se vinculam, fazemos um apanhado teórico sobre narrativa e identidade, bem como acerca das (im)possibilidades de representar o homoerotismo em um sistema nacional. Analisamos as narrativas de Marcelino Freire e de Tobias Carvalho pensando em seu contexto de escrita e de que formas se aproximam ou não ao representar ficcionalmente a escrita de si e na construção de personagens gays.

1 Narrativas, identidades e representações

Para Larrosa (1996), o processo de constituição da identidade se dá através da relação de discursos orais e escritos que fazemos sobre nós mesmos e de outros discursos que ouvimos e lemos, num amplo mecanismo de intertextualidade, enquadrado no sistema social no qual os sujeitos estão inseridos, que os regulamenta e os permite existir. Assim, não há como surgir uma narrativa ou uma identidade do acaso, bem como não existe uma essência ou originalidade identitária.

É ao narrarmos a nós mesmos nas situações pelas quais passamos, ao construir a personalidade (o personagem) que somos, que nos construímos como indivíduos particulares, como um quem. Por outro lado, somente compreendemos quem é outra pessoa ao compreender as narrações de si que ela mesma ou outras pessoas nos fazem, ou ao nós mesmos narrarmos alguma parte significativa de sua história. E significativa quer dizer que, aí, nessa trama, o outro aparece como um alguém particular, como um quem¹. (LARROSA, 1996, p. 470, tradução nossa).

Nesse sentido, quem somos não surge apenas de nossas próprias experiências vividas, mas é um processo construtivo, imaginativo, interpretativo e compositivo (LARROSA, 1996, p. 465-467). Ao mesmo tempo, interpretamos e absorvemos de narrativas exemplares, que são perpetuadas e arraigadas em nossa memória cultural, através de histórias que nos são contadas, em um primeiro momento, pela família, por instituições educacionais e religiosas, entre outras entidades formativas. Dessa forma, a identidade é uma construção contínua, portanto, a própria representação é transitória, pois o que somos no que entendemos como presente nunca é igual ao passado, assim identificar-se também inclui a desidentificação.

Porém, a aventura da autointerpretação é interminável e conduzirá aonde não estava previsto, à consciência de que o eu não é senão uma contínua criação, um perpétuo devir, uma metamorfose permanente. E essa metamorfose terá sua partida e força impulsora no processo narrativo e interpretativo da leitura e da escritura. Somente lendo (ou escutando) se faz consciente de si mesmo. Somente escrevendo (ou falando) se pode fabricar um eu. Mas nesse processo o que se aprenderá é que ler e escrever

(escutar e falar) é pôr-se em movimento, é sair sempre mais além de si mesmo, é manter sempre aberta a interrogação do porquê um é. Na leitura e na escritura, o eu não deixa de fazer-se, desfazer-se e de refazer-se. Ao final já não há um eu substancial a descobrir e ao qual ser fiel, senão somente um conjunto de palavras a compor, descompor e recompor² (LARROSA, 1996, p. 481, tradução nossa).

Percebemos que a representação é um conceito complexo, pois se apenas um sujeito exerce mais de uma identidade e a constrói de forma fluída, num processo nunca encerrado, convém questionar se é possível representar a sociedade como um todo ou mesmo grupos com características similares, sem excluir nenhuma particularidade. De todo modo, alguém sempre será representado na cultura, independentemente de se obter ou não resposta.

Pode-se levantar questões sobre o poder da representação e sobre como e por que alguns significados são preferidos relativamente a outros. Todas as práticas de significação que produzem significados envolvem relações de poder, incluindo o poder para definir quem é incluído e quem é excluído. A cultura molda a identidade ao dar sentido à experiência e ao tornar possível optar, entre as várias identidades possíveis, por um modo específico de subjetividade. (WOODWARD, 2014, p. 19).

Portanto, entendemos que existem instituições de poder que compõem o sistema que cria e regula o que deve ou não ser representado, o que pode ou não ser identificado, formando assim a norma e o diferente, o centro e a margem. É nesse contexto que a representação mostra a sua relevância e a sua emergência, isto é, ao trazer à tona vivências identitárias que, em discursos nacionalistas, não deveriam existir.

2 Homoerotismo e nação

Ao entender identidade como algo múltiplo, apesar de tal afirmação não ser adotada no contexto social que busca frequentemente por uma homogeneização, cabe refletir onde a homossexualidade se encaixa em uma sociedade brasileira que, em boa parte, não a compreende como totalmente aceitável e/ou desejável. Assim, utilizamos Trevisan (2018) para abordar a (in)existência de uma identidade homossexual e de uma identidade brasileira e como as duas podem ou não se entrelaçar.

De acordo com Trevisan (2018), ser homossexual e/ou brasileiro vai além de identificar-se, pois leva em consideração um conjunto de significações que são realizadas a partir dessa identificação, quase sempre guiada por um exotismo ou desconhecimento. Logo, o conceito “gay” carrega uma série de discursos formativos que envolve sexualidade exacerbada, relacionada a doenças e drogas, assim como o “brasileiro” tem a fama de ser um povo alegre e cordial, de mulheres

bonitas, objetificadas e hipersexualizadas, num eterno espírito carnavalesco. Bom, é evidente que a realidade não é essa.



O autor trata dessas temáticas entendendo que o sistema social atua de forma distinta em cada época, sendo por vezes mais flexível e em outros momentos autoritário e restritivo, mas sempre com interesses que estão distantes ou até mesmo contrários à busca por uma suposta igualdade:

A verdade é que a civilização sempre precisou de reservatórios negativos que possam funcionar como bodes expiatórios nos momentos de crise e mal-estar, quando então, por um mecanismo de projeção, ela ataca esses bolsões tacitamente tolerados. Em outras palavras, sempre que a minha situação não tem saída, a saída é atacar o mal fora de mim. As periódicas perseguições aos judeus têm sido, ao longo da história, claro exemplo dessa projeção ideológica. Assim também se pôde constatar, por muito tempo, um recrudescimento do racismo contra os negros em vários moldes, inclusive científicos – segundo os quais, por exemplo, sua inferioridade genética se refletiria num QI mais baixo. A homossexualidade inscreve-se como mais um desses reservatórios negativos. Sendo a permissividade social basicamente oportunista, a tolerância varia de época para época, dependendo de fatores externos, que acrescentam à prática homossexual maior ou menor grau de periculosidade, conforme as necessidades circunstanciais. (TREVISAN, 2018, p. 21-22).

Sendo assim, a forma de existir de cada sujeito também varia, pois em uma época existirá maior repressão e, logo, existirão mais atitudes subversivas, já em outros períodos de maior permissividade há uma tendência de entender que as melhorias existentes são aceitáveis para o momento e, portanto, não é mais necessário resistência. Isso comprova que é impossível e até mesmo indesejável criar um padrão de sexualidade para encaixar todos os sujeitos de todas as épocas e representá-los, como se insiste em buscar, mostrando que pessoas diferentes têm vivências e identidades únicas e distintas, como alerta Trevisan (2018):

Portanto, criar conceitos fechados de homossexual (ou bissexual) acabaria servindo mais aos objetivos da normatização do que a uma real liberação da sexualidade, inclusive por incentivar diretamente a política do gueto, do separatismo e do racismo sexual, numa discriminação às avessas. (TREVISAN, 2018, p. 35).

Ainda, para o autor, essa incerteza ou ambiguidade faz parte do ser homossexual:

Homossexual é exatamente isso: duvidoso, instaurador de uma dúvida. Em outras palavras: alguém que afirma uma incerteza, que abre espaço para a diferença e que se constitui em signo de contradição frente aos padrões de normalidade. Ou seja: trata-se

Em uma perspectiva de defesa por um suposto e determinado nacionalismo, como a que vivemos atualmente no Brasil, grupos e sujeitos que não se encaixam no discurso majoritário – homem, branco, heterossexual, classe alta – passam a ser uma ameaça aos valores dados como naturais.

Na América Latina e países periféricos, por sua vez, o nacionalismo manteve-se quase como uma doença endêmica – um gesto de defesa daqueles que não podem contar com quase nada além de autoafirmação. A proposta nacionalista, que funciona como um barril de pólvora não controlável, resulta de uma conceituação arbitrária, na medida em que elimina particularidades de indivíduos, classes, grupos marginalizados e suas diferenças, para uni-los debaixo de uma representação abstrata chamada “povo”, que é imposta, como uma fatalidade massificante, sobre cada cidadão. (TREVISAN, 2018, p. 43-44).

Logo, as identidades excêntricas podem existir, desde que não busquem subverter ou não infrinjam as regras sociais bem definidas e fixadas, que acabam por apagar qualquer individualidade e diferença ao buscar uma homogeneidade identitária.

3 “Canto VII – Coração” e “Cantiga de roda”: representações do sentimentalismo homoerótico

Marcelino Freire constrói seu livro *Contos negreiros* (2005) em 16 contos, os quais trata como “cantos”, existindo um ritmo de escrita similar ao utilizado em composições musicais. O “Canto VII – Coração” é o primeiro conto do livro com um personagem gay e inicia com a frase “[b]icha devia nascer sem coração” (FREIRE, 2005, p. 59). A partir dessa enunciação temática, o personagem Célio passa a narrar vários momentos de suas relações homoeróticas que o levam a pensar que a vida seria melhor caso tivesse nascido sem sentimentos, sem emoções.

Célio conta sobre a atração sentida por Beto, homem que masturbou após conhecer em uma estação de trem, e sobre os convites para ir até a sua casa, numa tentativa de manter vínculos afetivos. No entanto, não houve relação sexual no primeiro encontro, pois Beto não queria ser tocado e logo foi embora, sendo essa situação descrita por Célio ao seu interlocutor de maneira descontente: “A pior coisa, amiga, é uma trepada quando fica engasgada. Vira uma lembrança agoniada. Uh!” (FREIRE, 2005, p. 61). Na segunda ida a sua casa, mesmo com a ocorrência do sexo, Beto vai embora de madrugada sem aviso ou explicação. Depois disso, Célio não quer nem consegue se aproximar de outros rapazes e passa a desabafar com seu interlocutor amigo sobre as suas amarguras sentimentais, enquanto assiste o especial de Natal do Roberto Carlos.

“Cantiga de roda”, de Tobias Carvalho (2018), traz a história de um rapaz do interior do estado de Rondônia que se prepara para ir a seu primeiro encontro com outro homem, Cândido, amigo de sua prima. Nesse tempo, ele reflete sobre como causar uma boa impressão, apesar de sua aparência. O personagem, que não é nomeado, recorda do que sua prima lhe disse sobre Cândido e do motivo de ter aceitado ir a este encontro, por ele ser surdo, e de como isso poderia aproximá-los devido a ambos serem considerados por ele como desprivilegiados. O conto se encerra quando ele ainda está aguardando ansiosamente pela sua companhia atrasada, enquanto sabemos que Cândido teria o visto distraído no celular e ido embora após mandar uma mensagem para sua amiga: “nossa, mas esse seu primo é um monstro” (CARVALHO, 2018, p. 64).

Os dois contos tratam acerca de relações entre homens e, além disso, das relações intrapessoais, ou seja, da aceitação e da procura do amor próprio ao buscar amar o outro. É interessante pensar que muitas vezes ao tratar da homossexualidade pensa-se somente em sexo, por vezes, próximo ao promíscuo e sem qualquer aprofundamento, relações estritamente sexualizadas. No entanto, apegar-se somente a este detalhe é bastante tendencioso e restritivo, pois os contos tratam sobre a sexualidade, mas também do sentimentalismo em seu entorno.

No primeiro conto, isso é ressaltado na construção de um personagem que está cansado de ter relações passageiras, de estar “feliz por um certo tempo” (FREIRE, 2005, p. 59). É interessante ver como a sensação de posse é vista positivamente nos trechos em que Célio recebe Beto em sua casa: “Célio se sentindo... A dona do putu. [...] Havia caçarolas cinzas no fogão, pratos, ossos e esponja. No quartinho, colchas coloridas. Conquista de território” (FREIRE, 2005, p. 60).

Depois do frustrado primeiro encontro e de não se deparar com Beto novamente, Célio busca seguir a vida e ter relações com outras pessoas, mas sem esquecer daquele homem pelo qual se sentiu atraído de alguma forma distinta dos demais, tanto é que, ao reencontrá-lo, larga a sua atual distração e aposta mais uma vez em suas artimanhas:

Encontrou Beto uma semana depois. Na mesma hora em que estava masturbando, desiludido e oco. Um loiro que nem chegava aos pés do moreno misterioso. Epa! Correu e disse alguma coisa: algo como “Omelete recheado”. Vamos de novo?

Foram e chegaram.

No quartinho, colchas coloridas. Conquista de território, nunca se sabe. O mundo é cheio de voltas desconfortáveis. Mas de hoje não passa. (FREIRE, 2005, p. 61).

Após dormirem juntos, ele pensa que aquele é realmente o amor de sua vida e, novamente, que deveria ter nascido sem coração, prevendo o que se sucederia, pois logo Beto some e nunca mais o reencontra, deixando-o desconsolado e abandonado:

Não tem coisa pior do que o abandono. Depois de uma trepada daquela, tudo parecia ser eterno. Aí é que a gente se engana.

Nada, mona.

No lugar do coração, bicha devia ter uma bomba. A minha vontade era ter uma granada, para estourar no trem. Para fazer uma desgraça, juro. Só assim, Deus vai olhar para mim. Vai me trazer de volta aquele anjo. Sim, porque era um anjo. Não me roubou. Não me bateu. Sabe o que ele me falou? Que queria ser corredor de Fórmula-1. Vai ver foi isso. Zummmmm. (FREIRE, 2005, p. 62).

Ao trazer informações como a de não ter sido roubado ou agredido pelo amante e isso destacar a Beto como um anjo, pode-se sugerir os tipos de relacionamentos que Célio está acostumado a ter, talvez tão momentâneos, rasos e perigosos que realmente a melhor solução é não ter um coração, não ter sentimentos que possam ser afligidos.

Já no segundo conto, temos um personagem que, diferentemente de Célio, não possui experiências sexuais e até mesmo mente acerca disso a sua família e amigos, mas busca por um amor como o que conhecemos nos filmes hollywoodianos:

[...] mal podia esperar para conhecer essa sensibilidade tão parecida com a sua própria em Cândido, só não sabia como seria a primeira conversa, se conseguiriam fazer mímicas um para o outro por uma noite inteira; se imaginava tão conectado com Cândido que conversariam sem parar, apaixonados instantaneamente, e que, ao fim da noite, já conseguiria falar a língua de sinais fluentemente, sua segunda língua que falaria apenas quando estivesse feliz, feliz com seu namorado, marido, feliz, feliz finalmente, sua vida poderia começar, poderia apresentar alguém para a mãe, tentava seu primeiro encontro, o primeiro beijo, o primeiro amor, e isso não contava para ninguém, mentia que houvera poucos, mas alguns, e logo teria: Cândido. (CARVALHO, 2018, p. 63, grifo nosso).

Aqui percebemos a visão estereotipada do personagem sobre o amor e da busca por ele como sinônimo de vida ou existência significativa. Além disso, nesse conto entra o aspecto da importância dada à aparência nas relações amorosas, em específico, nas homoeróticas. O personagem principal não se encaixa nos padrões: é gordo, peludo, distante do que ele mesmo considera atraente nos outros. Cabe pensar que ele somente vai ao encontro por saber que Cândido é surdo, ou seja, como se estivesse numa posição inferior na sociedade, assim como ele se sentia por enxergar-se e ser considerado feio.

[...] e nem sabia que rosto tinha Cândido, se era bonito ou feio, o que sabia vinha da boca da prima, e portanto era uma informação que merecia ser tratada com desconfiança; sabia, no entanto, que Cândido era surdo, e sobre isso sua prima não teria mentido, não

faria sentido que mentisse, foi mesmo o motivo principal pelo qual ele finalmente havia cedido aos apelos de sua prima para que fosse a um encontro com um dos amigos ou colegas de trabalhos dela, enfim conheceria alguém que não se importaria com seu corpo ou com sua aparência, por ser também desprivilegiado pela vida, não conseguindo ouvir ou falar com a boca, e se sentiu confortado pela ideia, mesmo sem saber se aquilo se confirmaria ou não, sendo, de qualquer forma, um alento. (CARVALHO, 2018, p. 62).

A reação de Cândido ao vê-lo demonstra também os estigmas presentes mesmo dentro de comunidades que sofrem preconceito, tanto por ser surdo quanto homossexual. Mesmo ao conversar anteriormente por mensagens, a aparência é destacada ao ponto de nem se permitir conversar pessoalmente com o outro, ao considerá-lo um monstro. Portanto, podemos refletir que opções os personagens do segundo conto têm de relacionar-se pois, além de sofrer com os preconceitos externos em relação à sexualidade e aos aspectos físicos, deparam-se com rejeições prévias mesmo dentro de suas próprias possibilidades de relacionamentos amorosos.

Nesse sentido, os contos abordam diversas temáticas em relação à representatividade. Não sabemos a origem de Célio, mas temos informações de que ele é pobre, já que não possui nada para ser roubado e por referências como o “ki-suco de morango” (FREIRE, 2005, p. 60), sendo um personagem não frequentemente representado na literatura como protagonista de sua história, bem como os personagens do conto “Cantiga de roda”, que são da região Norte do Brasil, sendo ainda um deles surdo, pessoas geralmente em papéis de invisibilidade em nossa sociedade.

4 A sexualidade como viagem experimental em “Canto XIII – Meus amigos coloridos” e “The Biggest Lie”

As narrativas “Canto XIII – Meus amigos coloridos”, de Marcelino Freire, e “The Biggest Lie”, de Tobias Carvalho, tratam da sexualidade não como prática afastada de qualquer sentimentalismo romântico, mas como uma viagem experimental. Nela, os personagens, no contato e conhecimento que travam com os outros, acabam por melhor compreender-se.

No primeiro conto, Marcelino Freire traz outro personagem sem nome, que revela, na narrativa em primeira pessoa, os amigos coloridos que teve em sua vida desde a infância até o presente. O personagem fala de seus amigos, primos, conhecidos, colegas de trabalho, encontros amorosos, entre outros sujeitos que passaram por suas experiências sexuais, apesar de não dar indícios ou detalhes dos acontecimentos. Alguns desses casos são narrados de uma forma mais distante, com menos lembranças, algumas até equivocadas e corrigidas posteriormente, outros com maior proximidade. Ao final do conto, o personagem encontra no carnaval o que pensa ser o seu primeiro amor, mostrando que os outros que passaram por sua vida foram apenas amigos coloridos.

“Canto XIII – Meus amigos coloridos” traz uma ambiguidade na narrativa, pois ao mesmo tempo que o título e a escrita dá a entender que está tratando de sexo, os acontecimentos narrados pelo personagem são simples, como o jogo de futebol e o jogo de bafo, dificultando ao leitor entender se ocorreram atos sexuais naqueles momentos ou se era somente o próprio personagem interpretando se algum daqueles amigos poderia ou não ser o amor de sua vida. Outra hipótese é que os momentos da infância tenham sido tratados pelo narrador de forma mais natural, no sentido de descobrir a si e ao outro sendo guiado pelos sintomas da infância até a puberdade, pois em momentos já vividos na fase adulta, as ideias que levam às relações sexuais e amorosas parecem mais implícitas: “Não podia ficar tarde. Eu tinha de pegar o metrô. Foi numa noite dessas que um assobio me convidou para descer na Liberdade. Segui o assobio” (FREIRE, 2005, p. 92).

Em síntese, o conto parece trazer à tona uma espécie de viagem pela sexualidade do narrador-personagem. Independentemente da duração de suas amizades coloridas, todas foram parte de suas experiências, guiando-lhe para o que pensaria ser o amor de sua vida atual, sendo que não é dito ao leitor o que ocorre após essa visão certa, podendo ser apenas mais uma das experiências de sua vida. Assim, a sexualidade é vista como um processo de formação contínuo, que envolve outros fatores e está relacionado também aos sentimentos, mesmo que nem sempre esses estejam intencionados ou subentendidos, levando novamente a uma visão estereotipada de relacionamentos amorosos.

“The Biggest Lie” traz a narrativa em outro contexto de escrita, mais de uma década após os textos de Marcelino Freire, e mostra a relação da homossexualidade com a tecnologia, mas sem ultrapassar os princípios que envolvem os conceitos de amor e sexo. O narrador-personagem do conto aborda sua ligeira relação com Gustavo, um rapaz enrustido, que conheceu em um aplicativo gay voltado à busca de parceiros sexuais, fazendo comentários comparativos com a realidade heterossexual em seus encontros:

Eu tenho amigos heterossexuais que nutrem uma inveja enorme da facilidade que gays têm para transar. Eles precisam, sempre que querem transar, conseguir um número de WhatsApp, marcar um encontro e pensar num café legal para ir. Ao chegar lá, precisam pensar em quatro ou cinco tópicos que podem ser úteis caso chegue um momento em que haja silêncios. Além disso, precisam organizar estratégias logísticas que sejam convenientes o suficiente para que as gurias topem o sexo depois. Senão, precisam fazer tudo de novo.

Deve ser trabalhoso e custar dinheiro.

Mas eles acabam, mesmo que por obrigação, criando vínculos. Eu não crio vínculos. (CARVALHO, 2018, p. 132).

Após transarem, eles começam a conversar e Gustavo o questiona, depois de ver seus livros e imaginá-lo culto, dos motivos de ele utilizar aqueles aplicativos à procura de sexo, dizendo que ele mesmo não utilizaria em outro contexto: “Se eu fosse um guri assumido, que nem tu, um guri bonito, inteligente, eu não estaria no Grindr. Por que tu não lê uns livros em vez de ficar lá? Por que tu não namora?”

(CARVALHO, 2018, p. 134). Logo, o personagem-narrador passa a refletir acerca da pergunta tentando chegar a uma resposta, que resulta ampla e complexa:



Não respondi. Nunca havia pensado nisso.

Ou melhor, nunca me tinha feito essas perguntas. Eram perguntas pras quais havia tantas respostas quanto perfis dentro de um aplicativo. Por que eu não namorava.

Porque eu me saboto, talvez.

Porque eu transo com caras com quem sei que nada vai se desenvolver.

Porque, quando vou a um encontro, me esforço o máximo pra encontrar defeitos nos outros, defeitos tranquilamente aceitáveis, equivalentes aos meus, e que a mim não anulariam como pessoa, mas que anulam os outros aos meus olhos. (CARVALHO, 2018, p. 134-135).

É interessante pensar na continuidade dessa reflexão, pois mesmo decidido a excluir e parar de utilizar o aplicativo em questão, após a saída de Gustavo o personagem entra em uma espécie de conflito interior:

Deleta essa merda, ele disse antes de sair, e foi o que eu fiz. Deletei o aplicativo do meu celular logo após fechar a porta.

Depois que ele foi embora, eu não sabia mais o que fazer. Abri meu Tinder e conversei com uns caras. Era pra ser um aplicativo com gente que queria namorar, mas o único guri que me deu papo disse que buscava sexo. Respondi que estava atrás de algo sério.

Mas não sei se era verdade.

Talvez o Gustavo tivesse razão. O sexo fácil demais era apenas um tipo mais sofisticado de masturbação. Era um sexo comigo mesmo o que eu buscava. Não importava quem estivesse ali. (CARVALHO, 2018, p. 135).

Dessa forma, o conto também aborda a sexualidade como uma viagem experimental, pois é nessa contínua procura por parceiros sexuais que o personagem busca a si mesmo, comparando os atos realizados com outras pessoas à masturbação, como se fossem relações individuais, nas quais os outros são apenas utilizados como objetos de prazer, imediatos e descartáveis. Na narrativa isso explica-se pela facilidade de ligar a tela de celular e encontrar um novo encontro, demonstrando uma grande valorização e dependência das tecnologias na busca por parceiros sexuais, assunto também debatido em outros contos do mesmo livro, como em “As coisas que a gente faz pra gozar” e “24”.

5 Algumas reflexões

Ler e escrever sobre questões que se relacionam à vivência pessoal é desafiador, pois corre-se o risco de apropriar-se das narrativas ficcionais ou de confundi-las com suas próprias experiências. Entretanto, a literatura é feita desse intercâmbio autor, obra e leitor e, por essa razão, evidencia-se a necessidade de representação, mesmo que esse seja um processo árduo e complexo, pois pode-se atingir patamares nem mesmo esperados pelo próprio autor:

A expressão homoafetiva por uma voz que (se) narra distante do preconceito, do estereótipo e da discriminação é ponto crucial para se entender o pensamento em processo de uma subjetividade que ascende ao patamar da escrita, que nega o dizer de si pela voz do outro quando abraça, por si, o construir uma visão da subjetivação em que se encontra ou em devir, reformulando-se as perspectivas sobre os modos de dizer do eu. (SILVA, 2014, p. 68).

Nesse sentido, percebemos nas narrativas analisadas a existência de uma representação não preocupada em atingir a um público específico, num sentido restritivo, mas sim de tratar de maneira natural a construção de personagens homossexuais, assim como de personagens heterossexuais em outros contos dos mesmos autores. Assim, entendemos que a literatura brasileira contemporânea está preocupada em tratar das problemáticas em torno aos padrões sociais impostos quanto à sexualidade, sendo vista “como capaz de demover lugares antes solidamente cimentados numa ou por uma cultura heteronormativa conservadora e perceber como personagens-sujeitos avançam nas relações sociais de poder” (SILVA, 2014, p. 62).

Ao ler os livros de Marcelino Freire e Tobias Carvalho não vemos uma separação que distingue e segrega grupos em uma literatura de nicho, pois as temáticas da homoeroticidade não se baseiam exclusivamente em luta contra a repressão ou busca por uma atuação sexual próxima ao promíscuo. Mesmo os contos que tratam sobre o sexo como ato tão fácil e imediato, como “Canto XIII – Meus amigos coloridos” e “The Biggest Lie”, o fazem como forma de autodescobrimento, de encontrar tentativas de preencher lacunas nas existências dos personagens. Encontramos nos contos “Canto VII – Coração” e “Cantiga de roda” a busca pelo amor, com a presença maior ou menor do afeto sexual em si, nem sempre tão acessível e transparente como a busca pelo sexo nos outros contos e repleta de barreiras que vão desde a falta de autoestima aos preconceitos internos e externos. Logo, os dois contos acabam tratando de uma mesma procura por caminhos distintos.

É interessante ainda ressaltar que nos mesmos livros há contos que retratam outros assuntos que não puderam ser analisados neste artigo por sua brevidade, como os conflitos familiares com a sexualidade nos contos “O pai” e “O breu”, de Tobias Carvalho, a existência de racismo e machismo mesmo em relacionamentos entre minorias no conto “Canto XV – Meu negro de estimação”, de Marcelino Freire, entre outros.

Portanto, a representatividade da homoeroticidade demonstra ser algo complexo, envolvendo diferentes sujeitos, experiências e perspectivas sobre si, sua sexualidade e sobre o outro, distanciando-se da mera representação de encaixar

personagens excêntricos a fim de demonstrar que eles estão presentes e que somente isso já é o suficiente. Ao analisar os textos, percebemos que a sexualidade por si só não define como é a identidade e as vivências de cada sujeito, sendo cada processo formativo único e contínuo, mostrando a irrealidade existente em qualquer tentativa de colocar todos os diferentes indivíduos em uma mesma categoria, homogeneizando-os, pois isso apagaria suas subjetividades e, assim, os seus distintos e singulares espaços na esfera social.

Notas

¹ “Es al narrarnos a nosotros mismos en lo que nos pasa, al construir el carácter (el personaje) que somos, que nos construimos como individuos particulares, como un quién. Por otra parte, sólo comprendemos quién es otra persona al comprender las narraciones de sí que ella misma u otros nos hacen, o al narrar nosotros mismos alguna parte significativa de su historia. Y significativa quiere decir que, ahí, en esa trama, el otro aparece como un alguien particular, como un quién” (LARROSA, 1996, p. 470).

² “Pero la aventura de la autointerpretación es interminable y conducirá a donde no estaba previsto, a la consciencia de que el yo no es sino una continua creación, un perpetuo devenir, una permanente metamorfosis. Y esa metamorfosis tendrá su arranque y su fuerza impulsora en el proceso narrativo e interpretativo de la lectura y la escritura. Sólo leyendo (o escuchando) se hace uno consciente de sí mismo. Sólo escribiendo (o hablando) se puede uno fabricar un yo. Pero en ese proceso lo que se aprenderá es que leer y escribir (escuchar y hablar) es ponerse en movimiento, es salir siempre más allá de sí mismo, es mantener siempre abierta la interrogación por lo que uno es. En la lectura y la escritura, el yo no deja de hacerse, de deshacerse y de rehacerse. Al final ya no hay un yo substancial que descubrir y al que ser fiel, sino sólo un conjunto de palabras que componer y descomponer y recomponer” (LARROSA, 1996, p. 481).

Referências

CARVALHO, Tobias. *As coisas*. Rio de Janeiro: Record, 2018.

FREIRE, Marcelino. *Contos negreiros*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

LARROSA, Jorge Bondía. Narrativa, identidad y desidentificación. In: _____. *La experiencia de la lectura*. 2. ed. Barcelona: Laertes, 1996. p. 461-482.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SILVA, Antonio de Pádua Dias da. A literatura brasileira de temática homoerótica e a escrita de si. In: *Acta Scientiarum*, v. 36, n. 1, p. 61-71, jan./mar. 2014.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. 4 ed. rev. atual. e amp. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 7-72.

Para citar este artigo

LEBKUCHEN, Jessé Carvalho; SPAREMBERGER, Alfeu. Diga-me com quem tu transas e eu (não) te direi quem és: as representações do gay em contos de Marcelino Freire e Tobias Carvalho. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 8, n. 2, p. 53-67, maio-ago. 2019.

Os autores

Jessé Carvalho Lebkuchen é graduado em Letras - Português e Espanhol pela Universidade Federal de Pelotas (2017). Atualmente é mestrando em Letras na Universidade Federal de Pelotas, na linha de pesquisa Literatura, Cultura e Tradução, e cursa especialização em Linguagens Verbais e Visuais e suas Tecnologias no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense.

Alfeu Sparemberger é graduado em Letras pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUI). Possui mestrado em Letras pela Universidade Federal de Santa Catarina (1989) e doutorado em Letras (Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) pela Universidade de São Paulo (2004). Atualmente é professor da Universidade Federal de Pelotas. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira, Literatura Portuguesa e Cultura Brasileira.